

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Matheus Lage Nogueira da Silva

**DAILY WIRE, CONSERVADORISMO E DISCURSO DE ÓDIO:**

Entendendo como o discurso de ódio racial é promovido pelo maior portal da mídia conservadora estadunidense

Rio de Janeiro

2022

Matheus Lage Nogueira da Silva

**DAILY WIRE, CONSERVADORISMO E DISCURSO DE ÓDIO:**

Entendendo como o discurso de ódio racial é promovido pelo maior portal da mídia conservadora estadunidense

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Borba.

Rio de Janeiro

2022

LL174d Lage, Matheus Nogueira da Silva  
DAILY WIRE, CONSERVADORISMO E DISCURSO DE ÓDIO:  
Entendendo como o discurso de ódio racial é  
promovido pelo maior portal da mídia conservadora  
estadunidense / Matheus Nogueira da Silva Lage. --  
Rio de Janeiro, 2022.  
41 f.

Orientador: Rodrigo Borba.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Inglês, 2022.

1. Conservadorismo. 2. Discurso de Ódio. 3.  
Discurso Racista. 4. Análise Crítica do Discurso. 5.  
Entextualização. I. Borba, Rodrigo, orient. II.  
Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Jaqueline Silvestre, por sempre me apoiar e fazer o possível e impossível por mim.

Ao meu irmão, Victor Lage, por ser meu maior incentivador.

À Matheus Afonso, por ser o melhor amigo e irmão de outra mãe que sempre precisei.

À Esther Borges e Jéssica Duarte, por terem me proporcionado um sadio início de vida acadêmica e terem me mantido com a cabeça acima de águas turbulentas.

Aos amigos Alexis de Abreu, Gabriel Martins, Julia Nolasco, Julianna Ferreira, Letícia Nunes, Manuel Coutinho, Pedro Rodrigues, Rahmiel Cordeiro, Raphael Ferreroni e Thais Sampaio, por terem, da melhor forma possível, transformado minha reta final de graduação e me tirarem de águas turbulentas.

Um agradecimento em especial à Gabriel Martins, Julia Nolasco, Pedro Rodrigues e Thais Sampaio, por serem referências e incentivadores acadêmicos tão importantes para mim.

Ao projeto CLAC-UFRJ, por me permitir crescer como professor, como acadêmico e me manter presente na Universidade.

Ao meu professor e orientador Rodrigo Borba, por toda a paciência, compreensão, conselhos e ensinamentos ao longo da graduação.

## **Resumo**

Historicamente, a combinação de crises políticas e de saúde pública provoca ódio na sociedade (COHN, 2018; SU; SHEN, 2021). O contexto social estadunidense atravessou um caos social no ano de 2020, proporcionado pela pandemia do COVID-19 que afetou em diversos níveis a política e a sociedade. Nesse cenário, discursos de ódio, especificamente, ficam em bastante evidência (BIEBER 2022; CLARKE 2010; RANTANEN 2012). Particularmente, o movimento político conservador, que tem ganhado força nos últimos anos (WODAK, 2015), ficou em evidência. Os discursos promovidos por tais grupos contribuem para um cenário de instabilidade. Particularmente, pudemos observar a instabilidade racial estadunidense, corporificada nos diversos embates entre grupos como o *Black Lives Matter* e às forças policiais daquele país. Para compreender como o ódio racial é motivado, este trabalho analisou um texto do *Daily Wire*, o principal portal conservador estadunidense. Empregando a Análise Crítica do Discurso, este trabalho procurou entender a) a maneira que um discurso conservador altera os sentidos de um movimento social e b) como o discurso de ódio é suavizado pela esfera conservadora, retirando-se de qualquer acusação negativa. Foi possível observar escolhas bem particulares de estruturas sintáticas e semânticas (VAN DIJK, 2001) para construir sentidos locais (JONES, 2020) que reforçam ideais negativos para a sociedade. Ao refletirmos sobre os contextos estabelecidos (SILVA, 2014), a habilidade de mudar o contexto de eventos sociais (BAUMAN; BRIGGS, 1991), somados à processos de entextualização (FABRÍCIO; MELO, 2020; SILVA, 2014) de textos ou eventos, configura a construção de uma realidade discursiva que legalizam discursos de ódio. Concomitantemente, estratégias de negação (VAN DIJK, 1992; SAUNTON, 2020) são empregadas, com o objetivo de evitar qualquer atribuição de sentido negativo ou identificação de comportamentos não aceitos pela sociedade nos interlocutores conservadores.

**Palavras Chave:** Conservadorismo; Discurso de ódio; Discurso racista; Análise Crítica do Discurso; Entextualização; Estratégias de negação.

## **Abstract**

Historically, the combination of political and public health crises provokes hatred in society (COHN, 2018; SU; SHEN, 2021). The United States social context went through social chaos in 2020, provided by the COVID-19 pandemic that affected both politics and society at different levels. In this scenario, hate speech, specifically, becomes very evident (BIEBER 2022; CLARKE 2010; RANTANEN 2012). Particularly, the conservative political movement, which has gained strength in recent years (WODAK, 2015), was in evidence. The discourses promoted by such groups contribute to a scenario of instability. In particular, we were able to observe racial instability in the United States, embodied by the various clashes between groups such as Black Lives Matter and the country's police forces. To understand how racial hatred is motivated, this work analyzed a text from the *Daily Wire*, the main United States conservative portal. Employing Critical Discourse Analysis, this work sought to understand a) how a conservative discourse alters the meanings of a social movement and b) how hate speech is softened by the conservative sphere, removing itself from any negative accusation. It was possible to observe very particular choices of syntactic and semantic structures (VAN DIJK, 2001) to build local meanings (JONES, 2020) that reinforce negative ideals for society. When we reflect on the established contexts (SILVA, 2014), the ability to change the context of social events (BAUMAN; BRIGGS, 1991), added to the entextualization processes (FABRÍCIO; MELO, 2020; SILVA, 2014) of texts or events, configures the construction of a discursive reality that legalizes hate speech. Concomitantly, denial strategies (VAN DIJK, 1992; SAUNTON, 2020) are employed, in order to avoid any attribution of negative meaning or identification of behaviors not accepted by society in conservative interlocutors.

Key Words: Conservatism; Hate speech; Racist speech; Critical Discourse Analysis; Entextualization; Denial strategies.

## SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. Pressupostos Teóricos.....	12
1.1 Discursos são contextos.....	12
1.2 Processos de entextualização.....	14
1.3 Análise Crítica do Discurso.....	17
2. Metodologia.....	20
2.1 Contexto de circulação: O Daily Wire.....	20
2.2 Procedimentos de Análise.....	21
3. Análise.....	22
3.1 Título e imagem contextualizadora.....	22
3.2 Primeiro parágrafo.....	23
3.3 Segundo parágrafo.....	24
3.4 Terceiro parágrafo.....	26
3.5 Quarto parágrafo.....	27
3.6 Quinto parágrafo.....	29
3.7 Sexto parágrafo e sétimo parágrafo.....	30
Considerações finais.....	33
Referências.....	34
Anexos.....	37

## Introdução

O ano de 2020 trouxe diversos desafios para o mundo. Com a pandemia do novo Coronavírus em cena, muitas questões sociais foram elevadas a pontos extremos. Somado a isso, com a necessidade do trabalho remoto e, aqueles que possuíam as condições, ficarem em casa, qualquer tensão ou conflito social era rapidamente assistido e divulgado globalmente.

Dentre esses conflitos, podemos destacar o quão radicalmente a população negra foi afetada. Segundo Gould e Wilson (2020), a pandemia afetou trabalhadores e trabalhadoras negras mais do que qualquer outro demográfico. Além de, estatisticamente, ter sido o grupo que mais perdeu emprego, foi também o grupo que compôs em maior número a quantidade de “*front-line workers*”, aqueles considerados como trabalhadores essenciais, que os forçava a “arriscar a sua saúde e de suas famílias para ganhar a vida” (GOULD; WILSON, 2020, p.4, tradução minha<sup>1</sup>).

Além dos desafios de ordem econômica causados pela pandemia, populações e grupos minoritários tiveram que conviver com casos crescentes de racismo. Pode se dizer que há uma tendência de crescimento de casos de ódio como racismo e xenofobia em momentos de pandemia (COHN, 2018). A epidemia da peste negra em 1900 nos Estados Unidos da América foi identificada como uma “doença oriental” pelo, à época, cirurgião-chefe estadunidense (TRAUNER, 1978; ELIAS et al., 2021). É possível também traçar paralelos entre a Febre Espanhola e a COVID-19, onde ambas ocorreram em situações de preconceito racial e racismo sistêmico (MCCOY, 2020). Ao se considerar o contexto da COVID-19, há um crescimento, nas últimas duas décadas, de movimentos populistas e nacionalistas. Esse último, que cresce exponencialmente em momentos de crise (BIEBER 2022; CLARKE 2010; RANTANEN 2012), é um de dois motivos, de acordo com Elias (2021) do crescimento do racismo durante a COVID-19. Um dos movimentos naturais que indiretamente ocorrem durante períodos de alta instabilidade nacional e global. Crises econômicas, como a causada pelo COVID-19, geram movimentos exclusionários, que fortalecem políticas nacionalistas e neonacionalistas (BORBA, 2021). Tais políticas estão consistentemente aliadas ao racismo (MOSSE 1995; BALIBAR 1991). No entanto, uma pandemia por si só não causa tais movimentos. É necessário analisar o contexto social.

Considerando os contextos brasileiro e estadunidense, podemos observar alguns paralelos. Ambos os países vinham de anos de promoção de uma agenda ultranacionalista. Slogans como “*Make America Great Again*” do ex-presidente estadunidense Donald Trump e

---

<sup>1</sup> Tradução minha para: “to risk their own and their families’ health to earn a living”.



“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” do atual chefe do executivo brasileiro, Jair Bolsonaro, refletem essas posições. Segundo Wodak (2015), partidos populistas de direita se utilizam da “identidade nacional” e “nacionalismo” com o objetivo de construir o ‘real’ americano ou brasileiro, enquanto que os ‘outros’ são excluídos (WODAK, 2015, p.94), fomentando ainda mais racismo e discriminação.

Aliado a esse cenário de polarização social, ambos os países, em suas respectivas proporções, passavam - e ainda passam - por enormes crises econômicas. Dentro do capitalismo global (PAUL, 2020), em um cenário de opressão sócio-econômica e ampla desconfiança, a “coesão social e as relações interculturais são severamente comprometidas” (ELIAS; MANSOURI, 2020 apud ELIAS et al, 2021, p. 786, tradução minha<sup>2</sup>). Conseqüentemente, com a chegada da pandemia em um cenário como esses, a polarização e ideações exclusivistas são reforçadas. Essa divisão ideológica é crescente durante a COVID-19, com sentimentos nacionalistas crescendo entre grupos conservadores e servindo como uma plataforma para o crescimento de grupos políticos de extrema direita. (SU; SHEN, 2021).

As violências que a população negra sofreu por conta da pandemia, indo do alto número de demissões até ser o grupo que mais faleceu por conta do vírus, foram galvanizadas pelo caso de George Floyd. Em 25 de maio de 2020, o homem negro e membro da classe trabalhadora, foi sufocado até a morte pelo policial branco Derek Chauvin, que ficou oito minutos e quarenta e seis segundos ajoelhado no pescoço de Floyd, que estava imobilizado e deitado de bruços em uma estrada, desarmado e cercado por outros policiais.

A ação ocorreu após, segundo os policiais, Floyd ter tentado trocar uma nota falsa de 20 dólares. Suas últimas palavras em vida foram “*I can't breathe*”<sup>3</sup>. Antes do assassinato de Floyd, outros dois jovens foram mortos pelo simples fato de serem negros. Ahmaud Arbery foi perseguido e assassinado em Fevereiro de 2020 por dois homens brancos enquanto caminhava em um bairro no estado da Geórgia. Algumas semanas depois, Breonna Taylor foi morta em sua cama, em Março de 2020, por policiais que cumpriam um mandado de busca de entorpecentes. Nada foi encontrado em seu apartamento. A morte de George Floyd serviu como um estopim para que inúmeros protestos clamando por justiça racial e devida responsabilidade das ações de policiais começassem a acontecer por todo o mundo. Essa combinação de casos e a clara percepção que havia uma crescente onda de violência contra a população negra fez com que o *Black Lives Matter* entrasse em cena.

---

<sup>2</sup> Tradução minha para: “severely undermines social cohesion and intercultural relations”.

<sup>3</sup> Possível tradução: “Eu não consigo respirar”.

O *Black Lives Matter*<sup>4</sup>, ou *BLM*, é um movimento social criado em 2013 após o assassinato do jovem negro Trayvon Martin, que teve grande repercussão na mídia e sociedade estadunidense. O movimento se concretiza após a *hashtag* *#BlackLivesMatter* passar a ser compartilhada junto a mensagens de defesa de vidas negras. Três mulheres negras, Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi são as responsáveis por transformar uma *hashtag* em um movimento político organizado. De acordo com o site da organização, a missão do Black Lives Matter é “erradicar a supremacia branca e construir poderes locais para intervir nas violências inflingidas às comunidades negras pelo estado e vigilantes.” (BLACK<sup>5</sup>, 2022, tradução minha<sup>6</sup>).

Com todo o contexto apresentado, os protestos, liderados e organizados pelo *BLM*, clamavam por justiça racial, eram contra a brutalidade policial e pela diminuição do investimento financeiro do estado em forças como a polícia. Esse movimento se espalha globalmente. Cria-se, portanto, um embate claro entre os manifestantes e defensores da justiça racial e a polícia e seus defensores, uma vez que um dos principais alvos dos protestos era a atuação da mesma. Esse embate, apesar de muitas vezes acontecer no espaço físico, acontece também no plano ideológico.

Com o crescimento dos protestos liderados pelo *BLM*, começam a surgir protestos em favor da polícia. Enquanto de um lado se clamava as palavras “*Black Lives Matter*”, noutro, se ouvia “*Blue Lives Matter*<sup>7</sup>”, o equivalente a “vidas azuis importam”. À primeira vista, o grupo se porta como se estivessem apenas interessados em defender as vidas de policiais. Porém, ao observarmos quem está por trás do suporte que o grupo recebe, podemos identificar que conservadores, membros da direita e da extrema direita os apoiam. Consequente ao se posicionarem a favor do *Blue Lives Matter*, esses grupos se posicionam contra o *Black Lives Matter*. Em um contexto onde ocorrem intensos conflitos raciais, incluindo a discussão sobre supremacia branca e sua relação com a política e a segurança pública, fazer ataques à uma organização que deseja ver o fim da violência contra pessoas negras pelo simples fato de serem negras é uma decisão questionável.

Procurando entender de que forma o movimento do *Black Lives Matter* está sendo atacado pela esfera política conservadora de direita dos Estados Unidos da América, este

---

<sup>4</sup> Tradução possível: “Vidas negras importam”

<sup>5</sup> Link de acesso ao site do Black Lives Matter: <https://blacklivesmatter.com>

<sup>6</sup> Tradução minha para: “to eradicate white supremacy and build local power to intervene in violence inflicted on Black communities by the state and vigilantes.”

<sup>7</sup> Tradução possível: “Vidas azuis importam”.

estudo analisará o discurso presente em um texto de caráter opinativo publicado no portal *Daily Wire*.

O *Daily Wire* se intitula como “um dos portais de mídia conservadora e veículo de contracultura para notícias, opiniões e entretenimento que mais rapidamente cresce na América” (Daily Wire, About, tradução minha<sup>8</sup>). O portal possui textos escritos, divididos entre as seções “notícias”, “opinião”, “análise” e “notícia e análise” e também textos orais, como entrevistas, vídeos e podcasts. Seus autores são muito conhecidos, como o fundador Ben Shapiro, que possui quase 4 milhões de seguidores na rede social *Twitter* e o membro da câmara dos representantes dos Estados Unidos, o republicano Dan Crenshaw. As produções do *Daily Wire* focam em diferentes temas da sociedade, mas sempre com um viés conservador. Além disso, é comum encontrar ataques à esquerda nos textos. Podemos compreender então que o objetivo do portal é não apenas divulgar um pensamento ideológico conservador, mas também realizar ataques a membros e grupos da esquerda.

Uma das seções do portal é chamada de “*Collections*”, ou “Coleções” (tradução minha). Estas se configuram como um conjunto de textos sobre o mesmo tema. Algumas das coleções são sobre os temas “*Sports and Politics*”, “*Cancel Culture*” e “*Coronavirus*”. Interessa a esse estudo, no entanto, olhar com mais profundidade para a coleção “BLM, the organization behind a movement”, ou “BLM - a organização por trás de um movimento” (tradução minha). Esse compilado de textos está descrito da seguinte forma:

No momento, nenhuma organização tem mais influência nos Estados Unidos, não apenas em formar opinião, mas por mudar comportamentos e vidas do que o Black Lives Matter. Uma pesquisa recente descobriu que 62% de prováveis eleitores agora possuem uma opinião “favorável” do BLM. Isso é quase o inverso da opinião pública apenas seis meses atrás. Essa coleção provê um olhar mais próximo às origens, conexões, objetivos e influência da organização por trás do movimento. (DAILY<sup>9</sup>, 2020, tradução minha<sup>10</sup>)

---

<sup>8</sup> Tradução minha para: “one of America’s fastest-growing conservative media companies and counter-cultural outlets for news, opinion, and entertainment.”

<sup>9</sup> Link para acesso à coleção do BLM no Daily Wire:

<https://www.dailywire.com/collections/blm-the-organization-behind-a-movement>.

<sup>10</sup> Tradução minha para: “At present, no organization has more sway in the United States, not just in shaping opinion, but changing behaviors and lives, than Black Lives Matter. A recent poll found 62% of likely voters now have a “favorable” opinion of BLM. This is almost a reverse of opinion only six months ago. This collection provides a closer look at the origins, connections, goals and influence of the organization behind the movement.”

Este trabalho pretende analisar um dos textos presentes nesta coleção, intitulado “*WALSH: Black Lives Matter Isn’t Even Pretending To Care About ‘Police Brutality’ Anymore*”<sup>11</sup>. O texto<sup>12</sup> foi publicado em 27 de Outubro de 2020, com autoria de Matt Walsh e está categorizado como um texto de opinião.

Este estudo objetiva, portanto, apresentar e refletir sobre os impactos de um texto conservador que se coloca contra um movimento que busca defender vidas negras. Pretende-se, então, responder às seguintes questões:

- De que maneira o discurso conservador altera e molda o objetivo de um movimento social, que passa a ser visto como uma ameaça para a polícia e a branquitude?
- De que maneira ideais racistas e excludentes são propagados pelo discurso conservador, reforçando um sentimento de divisão social e alimentando um cenário de violência racial?

Para responder às perguntas propostas, analisei elementos do texto multimodal citado anteriormente. A análise recorre à Análise Crítica do Discurso e foca em elementos linguísticos e imagéticos. Levam-se também em consideração teorias de entextualização presentes em Bauman e Briggs (1990) e Silva (2014); teorias de enregistramento em Fabrício e Melo (2020); teorias do discurso e contexto em Jones (2020); ferramentas para realizar uma análise crítica do discurso, como estratégias de negação presentes em Sauntson (2020) e Van Dijk (1992) e a dimensão discurso, cognição e sociedade e análise de escolhas semânticas e sintáticas em Van Dijk (2001) como arcabouço teórico da análise. Foram analisadas as escolhas verbais, agentividade, estratégias de entextualização e uma comparação de dados entre aqueles apresentados no texto e em outras fontes. Por fim, discuto os possíveis danos que a crescente popularização desse tipo de discurso poderia causar para uma sociedade democrática.

No próximo capítulo, apresentarei os pressupostos teóricos que conduzem este estudo, discorrendo sobre as escolhas das ferramentas de análise possíveis. Em seguida, realizo a análise do objeto de estudo, parágrafo por parágrafo. Finalmente, no último capítulo, refletirei sobre a análise, além de propor encaminhamentos para futuras pesquisas.

---

<sup>11</sup> Tradução possível: “Walsh: Black Lives Matter não está nem mais fingindo que se importa com ‘brutalidade policial’”.

<sup>12</sup> Link para o texto original no Daily Wire:

<http://www.dailywire.com/news/walsh-black-lives-matter-isnt-even-pretending-to-care-about-police-brutality-anymore>.

## 1. Pressupostos Teóricos

### 1.1 Discursos são contextos

É importante definir o que se entende por discurso quando se pretende analisá-lo. Quando se analisa o discurso, estamos analisando a linguagem. No entanto, essa análise não é puramente linguística, ficando apenas no nível da sentença. Segundo Jones (2020) ao analisarmos a linguagem, temos que entender que a mesma é ambígua, situada, inseparável de quem nós somos e é uma combinação de elementos linguísticos e extralinguísticos. Mas como esse entendimento de discurso é relevante para uma análise do discurso conservador?

O ponto inicial para justificar a análise do conservadorismo é que “as pessoas nem sempre dizem o que elas querem dizer, e as pessoas nem sempre querem dizer o que elas dizem” (JONES, 2020, p. 3, tradução minha<sup>13</sup>). A ambiguidade é uma estratégia amplamente utilizada para promover discursos de ódio a minorias, pois isso possibilita uma defesa destes atos, como quem diz “eu não disse isso”.

Em relação a linguagem ser situada, é importante ter em mente que toda situação comunicativa, seja ela falada ou escrita, está localizada dentro de um contexto social. Ao alterar o contexto, a mesma fala pode sofrer alterações de sentido. É relevante portanto ter em mente o contexto de análise dessa pesquisa: o ápice dos protestos por igualdade racial nos Estados Unidos da América em meio ao ápice de uma pandemia global no ano de 2020 em um cenário de crescimento da supremacia branca, que de certa forma era autorizada pelos discursos produzidos pelo então presidente da república estadunidense (KELLY, 2020).

Um dos pontos principais para esta análise é que tanto a linguagem do discurso quanto o(s) interlocutor(es) desse discurso estão situados (JONES, 2020). O que uma pessoa diz e a forma em que diz tem grande influência para determinar quem é essa pessoa. Por estarmos lidando com discursos que refletem ódio racial, isso também nos permite compreender a(s) identidade(s) do(s) interlocutor(es). Desta forma, pela análise do discurso, podemos entender ainda mais como se constrói a identidade conservadora.

Por fim, a linguagem se complementa por meio de outros elementos. A análise desse estudo tem como foco principal um texto escrito. No entanto, analisar elementos para além das palavras, como imagens, menções à vídeos e *layout* da página também é necessário para entender a mensagem que está sendo transmitida.

---

<sup>13</sup> Tradução minha para: “people don’t always say what they mean, and people don’t always mean what they say.”

Para que um texto e o discurso presente nele sejam reconhecidos e façam sentido, é necessário que exista um contexto e que esteja estabelecido qual/quais é/são a(s) relação/ões entre as informações ali presentes. A combinação dessas informações é o que Jones (2020) chama de tessitura. Ou seja, a qualidade que um texto deve possuir para ser reconhecido e entendido por outros. Halliday (1968, apud JONES, 2020, p. 5) faz menção a dois elementos necessários para tal. A primeira seria a própria língua em si, e as regras gramaticais e semânticas que um leitor(a) deve dominar para compreender o texto. O segundo elemento seria uma ‘consciência’ das convenções linguísticas que ajudam a entender a relação entre palavras, frases, orações e parágrafos em cada contexto. Ou seja, o sentido de um texto passa por um “apelo” a um certo conhecimento de mundo do(a) leitor(a).

Consequentemente, essa junção de elementos faz com que, para que seja construído um sentido, é necessário que se extrapole o texto. São as conexões e o conhecimento de outros textos e outros contextos que permitem o entendimento de um texto, logo, de um discurso. De acordo com Jones:

Em outras palavras, todos os textos estão, de alguma forma, relacionados a outros textos, e às vezes, para que haja sentido entre eles ou que sejam usados para performar ações sociais, você precisa fazer referência a esses outros textos. (JONES, 2020, p. 7, tradução minha<sup>14</sup>)

Portanto, a intertextualidade é peça fundamental na construção do sentido de um texto. A relação entre textos diferentes que circulam na sociedade contribui para a construção do conhecimento de mundo, que é muito necessário para a construção de sentido. Entretanto, o conhecimento de mundo se torna, mais frequentemente do que deveria, uma forma de senso comum, principalmente no que diz respeito a textos, sentidos e discursos na esfera política.

No texto analisado, o autor, por meio da intertextualidade e de um apelo à consciência (HALLIDAY, 1968, apud JONES, 2020, p. 6.) política dos leitores, faz muitas referências a eventos envolvendo o *Black Lives Matter*. Como discursos são contextos, é fundamental que reflitamos como um evento é contextualizado, para que possamos entender como um sentido negativo está sendo construído sobre o movimento.

Desta forma, uma parte da análise foca em comparar como o texto e os intertextos trazidos pelo autor são referenciados e recontextualizados, com o objetivo de gerar uma predisposição ao sentido que é imprimido pelo mesmo.

---

<sup>14</sup> Tradução minha para: “all texts are somehow related to other texts, and sometimes, in order to make sense of them or use them to perform social actions, you need to make reference to these other texts.”

## 1.2 Processos de entextualização

Como dito anteriormente, os significados de um texto e os discursos nele presentes se formam através do contexto em que se está inserido. Portanto, entender a contextualização de uma prática social e discursiva é fundamental para compreendermos os sentidos que estão sendo compartilhados.

Dessa forma, o modo que um texto é contextualizado, ou entextualizado, tem suma importância na produção do sentido intencionado pelo autor. Entextualização é o termo cunhado por Bauman e Briggs (1990) para sintetizar o processo de mover um discurso, ou parte de um discurso, para outro texto ou evento, tornando-se algo único. Essa capacidade de textos serem entextualizados para diferentes propósitos afirma uma capacidade fundamental de desentextualização - ou descontextualização - dos discursos (GUMPERZ, 1982). Silva (2014), entende a entextualização como:

a própria viagem de um trecho ou excerto para além de seu contexto “original”. Ela captura os sentidos da relativa autonomia das unidades linguísticas de se tornarem textos, no trânsito de um contexto a outro. (SILVA, 2014, p. 68)

Considerando o discurso conservador que é promovido pelo *Daily Wire*, a maneira que as ações do movimento *Black Lives Matter* são entextualizadas contribuem significativamente para produzir uma visão negativa e danosa do grupo. Sabemos que esse é o objetivo primário do texto ao nos depararmos com seu título. O início do texto, momento no qual o autor começa a contextualizar o evento social que irá analisar, já é por si só uma recontextualização. Ela se dá já na primeira linha. O autor indica que houve o que a “mídia tradicional” chama de “confrontos” entre “manifestantes” e a polícia. Porém, segundo o mesmo, o que de fato ocorreu foi uma destruição causada por desordeiros da cidade da Filadélfia, além de agressões a policiais. Ao recontextualizar o evento “protesto” em “destruição” causada não por “manifestantes, mas sim por “desordeiros”, a projeção de sentido proposta pelo autor para os(as) leitor(es)(as) é o de que protestos são ruins, e a polícia é a vítima.

Além disso, se faz relevante pensarmos como um dos intertextos trazidos pelo autor é entextualizado para servir seu propósito discursivo. O protesto, mencionado no parágrafo anterior, aconteceu em razão do assassinato de Walter Wallace Jr. O autor, por meio de um *hyperlink* que leva a um *tweet* que contém um vídeo mostrando a ação policial, refere o evento. O *tweet* com o vídeo foi, no entanto, deletado. É possível, porém, encontrar vídeos

jornalísticos<sup>15</sup> que detalham tanto a ação policial que resultou no assassinato de Walter quanto os protestos que seguiram que, como argumento no capítulo de análises, mostram um hiato entre o que o autor desse artigo descreve e o que de fato ocorreu.

Me proponho agora a comparar, tendo como base a reportagem citada acima, como a ação policial ocorreu e como o autor, Walsh, entextualizou a abordagem para seus leitores. A intenção é demonstrar como processos de entextualização são utilizados para promover discursos de ódio e, ao mesmo tempo, uma defesa do modus operandi de instituições de poder promotoras do genocídio do povo negro.

Ao assistirmos ao vídeo, podemos ver que apesar de estar portando uma faca, em nenhum momento Walter é uma ameaça para a vida das pessoas ao seu redor, em especial os policiais. Uma mulher, que segundo a reportagem é a mãe de Walter, e outros membros da comunidade estão bem próximos a ele e não são atacados. Apesar de estar portando uma arma branca, a mesma requer que haja uma curta distância para que seja eficaz ou letal. Os policiais envolvidos na situação, no entanto, estão portando armas de fogo, letais tanto a curtas ou longas distâncias. Em nenhum momento Walter está perto o suficiente dos policiais para ser uma ameaça à vida deles. Após algumas tentativas, por meio de gritos e com as armas de fogo apontadas, dos policiais fazem com que Walter solte a faca, inúmeros disparos acontecem e Walter cai no chão sem vida. Uma das pessoas entrevistadas pela reportagem, que conhecia e é membro da comunidade de Walter, diz que gostaria que a polícia tivesse tentado “desescalar” a situação, ou tentassem imobilizá-lo de alguma forma. Porém, a primeira e única ação tomada foi de abrir fogo contra Walter.

Walsh entextualiza o vídeo de maneira diferente e notadamente de forma seletiva. Ele afirma que Walter estava armado com uma faca e se aproximou dos policiais após se recusar a cumprir as ordens dos mesmos.<sup>16</sup> Fica claro, ao assistirmos o vídeo, que Walter nunca ficou próximo dos policiais; porém, é dessa forma que Walsh contextualiza a situação, indicando que os policiais estavam correndo risco de vida. Mais a frente, Walsh indica que Walter estava, supostamente, “armado com uma arma mortal e avançando em cima de dois policiais enquanto eles imploravam que ele soltasse sua arma e se rendesse.”<sup>17</sup> Notemos que, o que era uma faca, se torna uma “arma mortal”. Dessa forma, fica a impressão que Walter poderia

---

<sup>15</sup> Reportagem sobre o evento disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PUxx4t-zBy0>

<sup>16</sup> Trecho original: “Wallace was armed with a knife and approached officers after refusing to comply with their orders.”

<sup>17</sup> Tradução minha para: “armed with a deadly weapon and charging at two police officers as they implored him to drop his weapon and surrender.”



assassinar alguém a qualquer momento, sendo que a realidade é bem distinta, especialmente considerando que ele tinha uma faca, e não uma arma de fogo.

Um outro ponto é como Walsh entextualiza a atuação dos policiais. O autor diz que os policiais “imploraram” para que Walter soltasse a faca. O sentido que está sendo transmitido é de que os policiais agiram com calma e tentaram de tudo, chegando a implorar por Walter. A reportagem nos mostra que isso está bem longe da realidade, tanto que a falta de calma e preparo para lidar com a situação foi uma das críticas feitas pela comunidade negra.

Esse processo de entextualização promovido por Walsh sobre esse evento já molda como todo o resto de seu texto seguirá. Por meio de outros recursos linguísticos, que serão detalhados na próxima seção, o autor promove e cria uma comunidade (FABRÍCIO; MELO, 2020) que passará a construir e, logo, entextualizar outros eventos de forma semelhante. Segundo Briggs (2007, p. 555), “os públicos são criados quando os textos os engajam de modos particulares, induzindo-os a se sentirem parte de um grupo social que compartilha uma orientação particular em relação a formas específicas culturais de circulação pública”.

Um aspecto importante do discurso conservador, entre outros, é a criação de um senso de comunidade. A sensação do “nós por nós mesmos”, ou “nós contra eles” é relevante pois remete a uma sensação de resistência. Enquanto grupos que de fato estão à margem da sociedade, sofrendo diversos preconceitos e desamparos institucionais, conservadores se colocam nessa posição de forma proposital. Como o próprio *Daily Wire* e outros grupos colocam, eles são um veículo “contra-cultura”, contra o pensamento dominante e, segundo eles, de esquerda. Entender como os processos de entextualização são utilizados para criar esse sentimento é importante para podermos lidar melhor com esses grupos que ameaçam a sociedade. Portanto, devemos pensar em estratégias de entextualização voltadas para a desescalamento de conflitos. De acordo com Fabrício e Melo:

Se a desescalação for tomar uma posição central, devemos repensar como nós estivemos comunicando o trabalho acadêmico e desenvolver versatilidade para entregar um papo reto que seja capaz de alcançar públicos diversos.” (FABRÍCIO, MELO, 2020, p. 1911, tradução minha<sup>18</sup>).

---

<sup>18</sup> Tradução minha para: “If de-escalation is to take center stage, we have to rethink how we have been communicating scholarly work and develop the versatility to deliver straight talk that is capable of reaching diverse audiences.

### 1.3 Análise Crítica do Discurso

O outro momento da análise promovida por este trabalho será realizada por meio dos conhecimentos relacionados a Análise Crítica do Discurso. Essa abordagem à análise do discurso não prevê um conjunto fechado de teorias ou ferramentas analíticas que devem ser aplicadas a todas as análises. Para cada pesquisa, deve-se entender quais são os objetivos e focos da análise para que então seja possível determinar um conjunto de ferramentas teóricas que guiaram a análise. Essa pesquisa subscreve a Análise Crítica do Discurso, pois é inerente à pesquisa e ao pesquisador uma preocupação com injustiças sociais e desigualdades que são construídas por meio do discurso (SAUNTSOON, 2020).

Isso se conecta com a forma na qual Van Dijk (2001) entende a Análise Crítica do Discurso, e que também faço referência e tenho como um dos principais norteadores analíticos dessa pesquisa. A Análise Crítica do Discurso, ou ACD, é naturalmente enviesada, e não procura esconder isso (VAN DIJK, 2001). Por conta da preocupação com os efeitos, na minha visão, danosos, que discursos de ódio promovidos por grupos conservadores podem causar na sociedade que procuro investigá-los por meio da ACD. Adiante, endereço e contextualizo os elementos analíticos selecionados para a análise aqui proposta.

Deve-se ressaltar que, no entantanto, apesar de um dos objetivos da ACD é destrinchar e expor significados ocultos no discurso (FLOWERDEW, 2008, apud SAUNTSOON, 2020, p.5), o objetivo dessa pesquisa não é chegar a uma resposta definitiva e solucionista (MOITA LOPES, 2006) em relação ao discurso conservador e, de fato, entender como esses efeitos estão sendo gerados por meio do uso da linguagem.

Isso posto, considero para a análise a dimensão entre discurso, cognição e sociedade proposta por Van Dijk (2001). O autor argumenta que, ao analisar questões da sociedade como o racismo ou, nesse caso, o conservadorismo, podemos perceber que, para além da dimensão linguística discursiva, essas são questões cognitivas e sociais.

Para dar conta da dimensão social e cognitiva, analisamos os eventos e sentidos locais e globais que estão presentes no texto a ser analisado. Portanto, queremos compreender os contextos de circulação de um texto; quem está falando e para quem; quais significados compartilhados socialmente estão sendo incorporados ao discurso.

Van Dijk (2001) exemplifica algumas ferramentas que podemos utilizar para realizar uma análise. Isso não significa, no entanto, que devemos utilizar todas as ferramentas disponíveis. Pela grande diversidade de ferramentas de análise disponíveis e o próprio caráter multidisciplinar da ACD (WODAK; MEYER, 2001), devemos selecionar aquelas que melhor ajudarão a cumprir o propósito da pesquisa.

Um dos principais pontos é identificar o que Van Dijk (2001) chama de macroestruturas semânticas. Ou seja, quais são os tópicos de sentido e significado locais e globais estão presentes no texto. Em seguida, exploraremos os sentidos locais, presentes no texto, determinados por meio das escolhas lexicais e como essas escolhas polarizam o discurso. Ao explorar estruturas linguísticas mais formais, como escolhas sintáticas e figuras de linguagem, podemos compreender sentidos e significados que não estão explícitos. Dessa forma, grupos dominantes podem produzir visões negativas sobre grupos minoritários por meio do uso da voz passiva, por exemplo.

Conforme explicitado anteriormente, a ACD é ampla e diversa, o que permite o uso de diversas ferramentas analíticas dependendo do contexto da análise proposta. Para isso, autores têm produzido possíveis conjuntos analíticos para análise de distintas problemáticas sociais. (SAUNTSOON, 2020). Um exemplo é como Van Dijk (1992) analisa expressões racistas e o sentimento anti-imigração. Sauntson (2020) faz referências a alguns conjuntos analíticos para analisar uma linguagem homofóbica. A autora indica que muitas das ferramentas usadas por Van Dijk (1992) para analisar o discurso racista podem ser utilizadas para analisar o discurso homofóbico. Entendo que também seja possível utilizar essas categorias para analisar o discurso conservador. Para esta pesquisa, irei considerar a leitura feita por Sauntson (2020) sobre as categorias definidas por Van Dijk (1992). Irei detalhar em seguida apenas as categorias que são relevantes para a análise proposta nesse trabalho. No entanto, em Sauntson (2020) e Van Dijk (1992) é possível ter contato com todas as categorias estabelecidas por Van Dijk.

No seu trabalho de 1992, Van Dijk indica como ‘estratégias discursivas de negação’ são utilizadas por grupos racistas para continuarem sendo racistas, mas sem sofrerem as consequências. Essas estratégias são utilizadas pois, segundo Van Dijk, tais grupos compreendem que alguns comportamentos e posicionamentos não são aceitáveis na esfera pública - remetendo ao conceito de consciência de Jones (2020) - e, portanto, deve-se tentar escapar de um julgamento negativo da sociedade, criando, ao mesmo tempo, uma auto representação positiva (SAUNTSOON, 2020).

Uma das estratégias de negação utilizada no discurso conservador é a carga reversa<sup>19</sup>. Esse tipo de negação acontece quando grupos que produzem discursos de ódio indicam que quem está promovendo o ódio é, na verdade, quem sofre. Em casos de injustiça racial, um exemplo é o conhecido “racismo reverso”. Veremos na análise como o discurso conservador tenta construir o *Black Lives Matter* como racistas que não se importam com vidas brancas.

---

<sup>19</sup> No original em inglês, “reverse charge”.

Outra estratégia de negação recorrente é a defesa<sup>20</sup>. É um tipo de negação que, ao prever possíveis acusações de discriminação que possam surgir, ou seja, o grupo receber uma caracterização negativa, já há uma defesa prévia, indicando que, dependendo da questão social analisada, não houve a intenção de ser racista, por exemplo. É uma estratégia útil, pois na maioria das vezes quem faz a acusação tem poucas maneiras de prová-la. Nesta análise, veremos que essa estratégia é utilizada como uma forma de reconhecer alguns dos motivos pelo qual Walter não deveria ter sido assassinado.

A estratégia de negação definida como mitigação<sup>21</sup> é utilizada para reduzir o nível de preconceito que está sendo propagado. Segundo Sauntson, Van Dijk reforça que essas estratégias acontecem em torno de situações nas quais as normas sociais são bem definidas. Essa estratégia é utilizada como uma tentativa de mostrar que um conservador entende que, dependendo da situação, um policial disparar uma arma de fogo não é a coisa ideal a se fazer.

A estratégia de justificação<sup>22</sup> também está presente no objeto de análise. Esta dá conta do uso de itens linguísticos que funcionam para justificar pontos de vista preconceituosos. Na análise entenderemos como essa estratégia é utilizada para justificar a ação dos policiais que promovem preconceito racial.

Por último, temos a estratégia de negação definida como provocação<sup>23</sup>. Ela está presente em situações nas quais os preconceituosos indicam que aqueles que são alvo de comentários negativos fizeram alguma coisa que provocou uma atitude negativa em relação ao grupo minoritário. Elas podem se conectar com as estratégias de carga reversa. No objeto da análise, vemos essa estratégia sendo utilizada para construir uma identidade negativa sobre o movimento *Black Lives Matter*.

Essas estratégias, somadas aos elementos analíticos estabelecidos por Van Dijk (2001), previamente explicitados, serviram de base para a condução da análise, podendo me fornecer modos de encontrar possíveis respostas às perguntas desta pesquisa.

## 2. Metodologia

### 2.1 Contexto de circulação: O Daily Wire

O texto escrito multimodal que foi analisado foi publicado no portal estadunidense *Daily Wire*. É um dos mais populares portais que se identifica como conservador nos Estados

<sup>20</sup> No original em inglês, “*defence*”.

<sup>21</sup> No original em inglês, “*mitigation*”.

<sup>22</sup> No original em inglês, “*justification*”.

<sup>23</sup> No original em inglês, “*provocation*”.

Unidos e no mundo. Possuem altos números nas redes sociais e seus membros são populares na mídia. Um de seus fundadores é o estadunidense *Ben Shapiro*, que possui mais de 3,5 milhões de seguidores no *Twitter* e atua como “editor emérito” do portal.

No início deste trabalho contextualizei o portal para poder demonstrar sua relevância na produção e circulação do discurso conservador. Meu objetivo agora é olhar com mais atenção para o modo de produção e circulação do portal.

O texto que analisei foi publicado no dia 27 de Outubro de 2020. Ele está na categoria “Opinião” do site e foi publicado como parte da coleção “*Black Lives Matter: The organization behind the movement*”, como citado anteriormente. Por ser um texto opinativo, é relevante conhecermos um pouco mais sobre seu autor, Matt Walsh.

Walsh é um autor e comentarista político conservador. Possui cerca de 800 mil seguidores em sua conta do *Twitter*<sup>24</sup> e, interessante, é um dos únicos membros do portal que abertamente se coloca como uma pessoa de direita. Na seção ‘Sobre’ de seu *blog*<sup>25</sup> pessoal, Walsh se define como “escritor, palestrante, autor, e uma das mais influentes jovens vozes da direita religiosa”<sup>26</sup>. Tendo essas informações em mente, podemos compreender que o discurso produzido no texto analisado parte de um lugar conservador, mas também abertamente de direita. Não apenas de direita, mas da direita religiosa. Logo, todas as entextualizações e significados produzidos localmente por esse texto estão, de certa forma, conectados a significados e conhecimentos globais da esfera conservadora religiosa estadunidense.

Além disso, é importante pensar como um texto do *Daily Wire* circula. A grande maioria dos conteúdos postados no portal, entre textos escritos e orais, artigos de opinião, artigos analíticos, podcasts e até produções cinematográficas<sup>27</sup> só está disponível para membros pagantes do portal.

Os valores dos planos de assinatura disponíveis pelo *Daily Wire* variam entre 4, 12 e 20 dólares estadunidenses por mês. Porém, para se ter acesso ao conteúdo audiovisual do portal, é necessária uma assinatura de pelo menos 12 dólares estadunidenses por mês. Alguns textos estão disponíveis para leitura de forma gratuita, o que não é o caso do texto analisado neste trabalho. Portanto, além do recorte ideológico e linguístico - conhecimento da língua

---

<sup>24</sup> Perfil no Twitter de Walsh: <https://twitter.com/MattWalshBlog>

<sup>25</sup> Blog pessoal de Walsh: <https://themattwalshblog.com>

<sup>26</sup> Tradução minha para: “writer, speaker, author, and one of the religious Right’s most influential young voices.”

<sup>27</sup> Sobre as disputas do conservadorismo no campo cinematográfico:

<https://deadline.com/2022/02/daily-wire-shut-in-youtube-premiere-movie-vincent-gallo-1234925771/>

inglesa - necessário para se ter acesso a esses discursos, também há um recorte financeiro e, consequentemente, de classe social envolvido.

## **2.2 Procedimentos de Análise**

O presente trabalho procura apresentar e entender como o discurso conservador, por meio da linguagem, manifesta um discurso de ódio perigoso para a sociedade de formas insidiosas. Procurei responder às perguntas: a) De que maneira o discurso conservador altera e molda o objetivo de um movimento social, que passa a ser visto como uma ameaça para a polícia e a branquitude?; b) De que maneira a propagação de ideais racistas e excludentes são propagados pelo discurso conservador, reforçando um sentimento de divisão social e alimentando um cenário de violência racial?

Para responder essas perguntas, emprego conceitos de entextualização e ferramentas analíticas propostas por Sauntson e Van Dijk, me subscrevendo, portanto, à Análise Crítica do Discurso, pela preocupação com os efeitos que um discurso pode causar na sociedade. Essas ferramentas serão empregadas num texto escrito publicado no portal conservador estadunidense Daily Wire. Analisarei, primeiramente, a imagem escolhida para contextualizar o texto e, em seguida, passarei parágrafo a parágrafo, destacando os elementos e sentidos mais relevantes para responder meus questionamentos. Uma tradução de cada parágrafo será apresentada no início de cada seção, enquanto que o texto completo, no original em inglês e em português estarão presentes no campo de anexos. Não pretendo, porém, analisar todos os elementos possíveis de todos os parágrafos. Apesar de se tratar de um texto relativamente curto, de 7 parágrafos, uma análise crítica do discurso considerando todos os recursos presentes no texto extrapola (VAN DIJK, 2001) o objetivo deste trabalho.




## **3. Análise**

### **3.1 Título e imagem contextualizadora**

A imagem abaixo é uma digitalização do título e imagem que encontramos assim que acessamos o texto.

— OPINION —

## WALSH: Black Lives Matter Isn't Even Pretending To Care About 'Police Brutality' Anymore

By Matt Walsh • Oct 27, 2020 DailyWire.com •   



Noah Riffe/Anadolu Agency via Getty Images

Fonte: Daily Wire. Disponível em:  
<https://www.dailywire.com/news/walsh-black-lives-matter-isnt-even-pretending-to-care-about-police-brutality-anymore> Acesso em: 03 mar. 2022

Considerando o título<sup>28</sup>, podemos definir algumas macroestruturas semânticas que estão sendo consideradas localmente por este texto. A indicação da negativa, somada ao advérbio “*anymore*”, constrói o sentido de que a premissa do *Black Lives Matter* é falsa. O grupo, na verdade, tem outras agendas políticas e nenhuma delas é lidar com a brutalidade policial. Nesse mesmo título, já podemos ver a estratégia de negação de provocação. O que está sendo noticiado é que se a brutalidade policial ainda existe, a culpa é do *Black Lives Matter* que, em tese, deveria estar fazendo algo sobre, mas nunca fez. O sentido que vai percorrer o texto e corroborar o discurso de ódio conservador é que o movimento social é falho e sempre enganou a sociedade.

<sup>28</sup> Possível tradução: “Walsh: O Black Lives Matter não está nem fingindo que se importa mais com ‘brutalidade policial’”

Ao considerarmos a imagem escolhida para acompanhar o título, vemos que está dividida em dois planos. No primeiro plano, temos um policial, usando equipamento de proteção no rosto e com os braços abaixados. Essa postura corporal indica uma posição de não ataque por parte do policial. Não temos como saber se ou como o mesmo estava armado, pois a imagem está cortada. O sentido evocado é de que o policial está em posição passiva, não propondo ameaça alguma.

No segundo plano da imagem temos um manifestante segurando uma grande placa de madeira. A placa possui os elementos *BLM*, referenciando a sigla do movimento social *Black Lives Matter* e o desenho de um punho erguido e cerrado de um corpo negro. O desenho faz referência ao tradicional símbolo de resistência, por vezes utilizado pela população negra, ficando marcado durante a atuação dos Panteras Negras, nos anos 70 nos Estados Unidos. Ao mostrar o manifestante de frente, a imagem está construindo uma posição de agência nele. Somado à associação do desenho do punho, um símbolo de luta, força e resistência, o manifestante é de fato a ameaça da imagem. Essa proposição fica explícita se considerarmos que o manifestante está escondendo seu corpo atrás da placa de madeira e está usando um boné e um óculos escuros, além da máscara, necessária dada o contexto pandêmico. Todos esses elementos indicam que o manifestante procura se proteger de algo, enquanto a postura do policial indica passividade.

Por fim, uma parede com pichações é o fundo da imagem. Pichações, no sentido comum global da sociedade (Jones, 2020), somado ao fato de estar localizado e entextualizado por um autor da direita católica, remete à associações com badernas, desordem e perigo. Esse é o cenário, logo, sentido, que engloba o manifestante do *Black Lives Matter*. Assim, há desde o início uma construção de sentido do *Black Lives Matter* como “perigosos baderneiros” e da polícia como “homens pacíficos e não perigosos”.

### 3.2 Primeiro parágrafo

Houve, como a mídia chama, “confrontos” entre “manifestantes” e a polícia na Filadélfia na noite passada. O que isso realmente significa, é claro, é que desordeiros e saqueadores espalharam destruição gratuita por toda a cidade e agrediram policiais à vontade. No final da noite, pelo menos 30 policiais foram feridos e um policial estava no hospital com ferimentos graves. Uma sargenta de 56 anos foi atingida e fraturou a perna quando um caminhão bateu em um grupo de policiais. Em outros lugares, os manifestantes incendiaram carros de polícia, saquearam lojas e veículos policiais.

Fonte: Daily Wire. Disponível em:  
<https://www.dailywire.com/news/walsh-black-lives-matter-isnt-even-pretending-to-care-about-police-brutality-any-more> Acesso em: 03 mar. 2022



No primeiro parágrafo do texto, podemos observar uma intertextualidade indireta sendo utilizada para se referir a como a mídia classifica um evento. A “mídia”, da qual o *Daily Wire* diz não fazer parte, reporta o evento principal do texto como “embates” entre “manifestantes” e a polícia. Ao analisarmos as escolhas lexicais para a produção de sentidos locais, observamos o uso de aspas no verbo “*clashes*” e no substantivo “*protesters*”. Segundo Van Dijk (2001), o uso das aspas implica que esses sentidos não são verdadeiros, apesar do que a mídia diz. O sentido verdadeiro, segundo o *Daily Wire*, está na segunda frase. Ou seja, ao invés de “embates entre manifestantes e a polícia”, o que de fato aconteceu foi que “baderneiros e saqueadores destruíram a cidade e atacaram policiais”. Neste parágrafo, temos um exemplo muito comum em discursos conservadores e de promoção do ódio: a produção de guerras culturais.

A anáfora encapsuladora que encabeça a segunda frase, “O que isso realmente significa” propõe uma narrativa de nós contra eles. Ou seja, não acredite na mídia, eles não se importam com o que é correto. É no meio dessa disputa ideológica e cultural que o conservadorismo cresce e, portanto, isso tem que ser promovido ao máximo.

A partir da terceira frase até o final do primeiro parágrafo, podemos perceber que há uma mudança do sujeito do discurso e, acompanhado dela, uma mudança na agentividade das frases. Enquanto o foco estava sendo nos manifestantes, as frases estavam na voz ativa. Os manifestantes estavam ativamente causando destruição. Quando o foco passa a ser os policiais, a voz passiva entra em ação, tirando a agentividade do sujeito, como observado em “[...]pelo menos 30 policiais foram feridos[...]” e “Uma sargenta de 56 anos foi atingida[...]”. Assim, se constrói que os policiais são vítimas inocentes dos ataques dos “baderneiros”. Até porque, eles não fizeram nada, só receberam. A voz ativa, no entanto, retorna na última frase, para destacar ações negativas e, conseqüentemente, produzir uma imagem negativa sobre o *Black Lives Matter*.

### 3.3 Segundo parágrafo

A razão aparente deste último exemplo de barbaridade é o fuzilamento de Walter Wallace Jr. Como mostra um vídeo gravado por um espectador, Wallace estava armado com uma faca e avançou contra os policiais após se recusar a cumprir suas ordens. Isso parece ser tão legal quanto os tiroteios da polícia podem ser. Para navegar em torno dos fatos que podem dar razão aos policiais, esquerdistas estão fazendo seu jogo usual de desviar o foco dos fatos inconvenientes para detalhes pessoais que não são relevantes para o fuzilamento. A repórter Ellie Rushing do Philadelphia Inquirer, por exemplo, nos diz que Wallace era “um gêmeo, pai e filho” e que sua mãe “implorou [à polícia] para não atirar”. Essas notas biográficas podem tornar o tiroteio mais triste, mas não o tornam menos justificado.

Fonte: Daily Wire. Disponível em:

<https://www.dailywire.com/news/walsh-black-lives-matter-isnt-even-pretending-to-care-about-police-brutality>

Nesse trecho, o autor começa a recontextualizar o evento do assassinato de Walter Wallace Jr. como foi abordado anteriormente. O assassinato foi o que motivou os protestos comentados no parágrafo anterior.

Podemos observar algumas escolhas lexicais deste parágrafo que servem para reforçar a estratégia de negação de justificação. Na primeira frase, o autor categoriza o fuzilamento de Walter com o substantivo “barbáridade”. Na segunda frase, o mesmo implica que Walter estava armado, com uma faca, e que o mesmo avançou para cima dos policiais, ignorando suas ordens. Na terceira frase, então, a ação policial é classificada pelo adjetivo “legal/lícito”. Essas escolhas lexicais e a ordem das frases no parágrafo tem a função de justificar a ação da polícia. Nada de errado aconteceu, segundo Walsh. Apesar de um ato bárbaro - estratégia de mitigação - a polícia agiu conforme a lei.

O uso da comparação em “Isso parece ser tão legal quanto os tiroteios da polícia podem ser”, funciona para reforçar a ideia de que a ação policial foi correta, e que contestar, portanto, não está correto. Nas frases seguintes do mesmo parágrafo, o autor usa de uma leve ironia para criticar o *Black Lives Matter*. De início, vemos que, ao invés de se referir ao *BLM* como manifestantes ou “baderneiros”, como vinha fazendo, ele escolhe o substantivo “esquerdistas”. Assim, há uma entextualização que implica que ao defender vidas negras, você automaticamente se torna uma pessoa de esquerda. Esse tipo de discurso é muito perigoso, principalmente em tempos de alta volatilidade política ao redor do mundo. Continuando, o autor indica que “esquerdistas” ou “apoiadores do *BLM*” tiram o foco das coisas pertinentes para dar importância a dados que não são relevantes. Nesse caso, a menção de que, antes de ser um homem ameaçador com uma faca que foi assassinado, ele também era um irmão, um filho, um membro como outro qualquer de sua comunidade.

Ao dizer que esse tipo de movimento, e que essas informações sobre Walter “não são relevantes”, dois processos estão acontecendo. Primeiro, há uma recorrência a um sentido local - dos leitores da mídia conservadora - de que “esquerdistas” não se importam com os fatos, e sim em estarem certos. Isso se conecta à estratégia de negação utilizada no título do texto, provocação. Segundo, há um processo de desumanização do corpo negro. Para o discurso conservador, não importa quem a pessoa negra é, quais as relações que ela possui ou qualquer outra característica que a faz ser humana. A mensagem que fica é que negros são uma ameaça e precisam ser neutralizados.

Em “Essas notas biográficas podem tornar o tiroteio mais triste, mas não o tornam menos justificado” há uma estratégia de mitigação, que aprofundo ao analisar o terceiro parágrafo, uma vez que o mesmo começa de maneira similar.

### 3.4 Terceiro parágrafo

Os ativistas também estão nos contando que Wallace foi baleado “na frente de sua mãe” e que ele supostamente tinha uma doença mental. Novamente, nada disso tem qualquer relação com o tiroteio em si. Qualquer que fosse a situação de sua família, qualquer que fosse sua condição psicológica, tudo o que importava nos momentos que antecederam o tiroteio era que ele estava supostamente armado com uma arma mortal e atacou dois policiais que imploraram para que ele largasse a arma e se rendesse. Duvido que qualquer crítico da polícia, se algum dia fosse abordado por um homem armado com uma faca, parasse para perguntar ao agressor se ele tem filhos, ou indagasse sobre sua avaliação psíquica mais recente. Todos os fatos sobre a vida e a família de Wallace tornam uma grande tragédia que ele tenha jogado sua vida fora, mas eles não mudam o fato de que os policiais tinham o direito e o dever de proteger a si mesmos e à comunidade.

Fonte: Daily Wire. Disponível em:  
<https://www.dailywire.com/news/walsh-black-lives-matter-isnt-even-pretending-to-care-about-police-brutality-anytime> Acesso em: 03 mar. 2022

Dando continuidade ao modo que o segundo parágrafo encerra, o terceiro parágrafo inicia com mais uma instância de uma estratégia de mitigação. Na verdade, este parágrafo inteiro está funcionando para poder mostrar uma certa empatia com o assassinato e, conjuntamente, justificar a ação policial.

Podemos conectar os motivos das menções às informações biográficas de Walter no segundo e terceiro parágrafos. Aqui, é indicado que a mãe de Walter viu a morte do filho na sua frente e que ele carregava, supostamente, algum tipo de condição psicológica, que pode servir para justificar o porquê ele estava agindo como agiu. Sobre esses elementos, o autor demonstra que, apesar de não serem relevantes o suficiente para alterar a ação policial, ele reconhece essas condições, e que isso torna o assassinato “mais triste” e “uma grande tragédia”, reforçando as estratégias de mitigação.

Podemos observar também estratégias de justificação presentes no parágrafo. O autor faz escolhas lexicais como o adjetivo “mortal” para categorizar a arma que Walter portava. Arma essa que, curiosamente, não é mencionada no parágrafo, além do fato de ser “mortal”. A entextualização age para promover a ideia de que um homem, negro, portando uma faca é tanto uma ameaça quanto dois policiais treinados com armas de fogo. Além disso, com o uso da voz ativa, toda a agência fica sobre a vítima, que estava “armada” e “avançou para cima dos policiais”. Ao contextualizar a ação de Walter dessa forma, o autor está justificando novamente a ação dos policiais. Não obstante, estes são contextualizados quase como agentes da bondade, que “imploraram” para que Walter largasse a arma e se rendesse. Assim, fica

construída a justificativa da ação policial, pois o sentido semântico do verbo “implorar” indica que todas as tentativas foram feitas, durante um longo período de tempo, para evitar o que aconteceu. Deve-se destacar também que, por conta dessas escolhas semânticas, há uma inversão da relação de poder entre a polícia e a vítima. Como foi explorado anteriormente por esse trabalho, o vídeo mostra que a realidade é bem diferente.

Por fim, se retornarmos a análise de elementos sintáticos do texto, a agentividade das frases continuam sendo um ponto importante para a construção do discurso negativo sobre o *Black Lives Matter* e positivo sobre a polícia. Em “Os ativistas também estão nos contando que Wallace foi baleado “na frente de sua mãe”[...]”, a descrição do ato do assassinato de Walter é feita na voz passiva. Ou seja, no momento da morte, a agência é da pessoa que “foi baleada”, e não do policial que atirou. Não por acaso, o agente da voz passiva permaneceu oculto.

### 3.5 Quarto parágrafo

Mas observe o que tem acontecido. O Black Lives Matter e seus aliados pararam, nos últimos meses, quase que totalmente de falar sobre “homens negros desarmados” fuzilados por policiais. Até muito recentemente, o BLM costumava escolher a dedo apenas os fuzilamentos de homens negros supostamente desarmados para protestar, o que, é claro, muitas vezes significava ignorar o fato de que pessoas desarmadas ainda podem representar uma ameaça letal (como o caso Michael Brown demonstrou). Agora, de repente, a questão de saber se o suspeito estava armado é tratada como irrelevante. Mesmo que o suspeito estivesse brandindo uma arma e aparentemente tivesse a intenção de usá-la, sua morte ainda é caracterizada como um ultraje moral. O qualificador “desarmado” costumava ser a razão declarada para o protesto. “Eles atiraram em um homem negro desarmado!” era o grito. Agora é apenas “Eles atiraram em um homem negro!”

Fonte: Daily Wire. Disponível em:  
<https://www.dailywire.com/news/walsh-black-lives-matter-isnt-even-pretending-to-care-about-police-brutality-any-more> Acesso em: 03 mar. 2022

O quarto parágrafo se inicia com a conjunção “mas”, o que marca uma perceptível mudança no foco do texto. A partir de agora, o sentido produzido pelo discurso passa a ser que o movimento *Black Lives Matter* quer, na verdade, criminalizar a polícia e também a branquitude.

Na segunda frase, o autor usa de aspas para destacar o sintagma nominal “homens negros desarmados”. Há uma referência a um significado global da sociedade referente ao *BLM*. Muitos dos protestos promovidos pelo *BLM* tem como evento catalisador o assassinato de homens negros desarmados. Há inúmeros exemplos de casos em que homens negros que não apresentavam nenhuma ameaça, pois estavam desarmados, foram mortos pela polícia.

Em seguida, o autor faz uso da expressão “escolher a dedo”, indicando portanto que não há uma abundância de casos como esses, para inferir que o *BLM* tenta se aproveitar

dessas situações para protestar. Como estratégia de deslegitimação do *BLM*, o autor usa do advérbio “supostamente” para indicar que há uma falsa construção, por parte do *BLM*, de que homens negros são mortos injustamente. Isso é reforçado com uma afirmação, introduzida por meio do artigo definido, que é o fato de que “pessoas desarmadas também podem ser uma ameaça letal”. Ao usar o artigo definido, o autor está impossibilitando que seja questionado, pois o mesmo está se referindo a um fato incontestável. Somado a isso, há menção ao caso de Michael Brown.

O caso usado pelo autor para comprovar a tese de que pessoas desarmadas também podem ser letais faz referência ao caso de Michael Brown<sup>29</sup>, que estava sendo procurado pela polícia após uma câmera de conveniência o gravou roubando um pacote de cigarro. Ele também agrediu fisicamente o operador de caixa da loja<sup>30</sup>. A polícia passou a procurar por ele e, 90 segundos após encontrar-lo, o jovem negro de 18 anos que estava desarmado foi assassinado. O caso ocorreu em 2014.

Para estabelecer algum tipo de fato de que pessoas desarmadas também podem ser letais, o autor refere-se a uma agressão física não letal. A ideia da ameaça e letalidade é construída de forma muito simplista pelo autor, com o único objetivo de provar algum ponto para sua bolha conservadora.

Porém o ponto principal desse parágrafo se faz presente a partir de “Agora, de repente, a questão de saber se o suspeito estava armado é tratada como irrelevante”. Walsh indica que o que antes era determinante para um protesto do *BLM*, o assassinato de uma pessoa negra desarmada, a partir de agora é “irrelevante”. Segundo o autor, os protestos ocorrem por conta da morte de pessoas negras por serem negras, e para ele e o discurso conservador, isso é um problema.

Esse tipo de discurso desconsidera o racismo estrutural presente no mundo inteiro, e que causa a morte de inúmeras pessoas apenas pelo fato de serem negras. Há uma tentativa de deslegitimar a atuação do *BLM* na busca por igualdade racial. Os sentidos que o discurso conservador está construindo é de que reivindicar o direito à vida de pessoas negras é errado. Nesse caso, não há sequer uma tentativa de negação do racismo. Apesar de ser sutil, por meio de alterações nos marcadores de discurso, conseguimos reconhecer o racismo escancarado. No fim do parágrafo, por meio de aspas, o autor destaca que o adjetivo “desarmado” era o ponto principal dos protestos do *BLM*. Isso é reforçado com o destaque em *itálico* na frase

---

<sup>29</sup> Sobre o caso de Michael Brown: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Homicídio\\_de\\_Michael\\_Brown](https://pt.wikipedia.org/wiki/Homicídio_de_Michael_Brown)

<sup>30</sup> Sobre o roubo e a agressão:

<https://www.nbcnews.com/storyline/michael-brown-shooting/chief-defends-release-robbery-surveillance-video-n-181786>

seguinte. De certo modo, é como se “desarmado” fosse o núcleo do sintagma nominal “homem negro *desarmado*”. Porém, na próxima frase, o sintagma é alterado, e o núcleo passa a ser “negro”.

Ou seja, o que esses marcadores do discurso demonstram é que é possível justificar protestos pela morte de um homem negro *desarmado*. Mas protestos pela morte de um homem *negro* devem ser reprimidos.

### 3.6 Quinto parágrafo

Mas o que torna o tiroteio preocupante, ultrajante, mortífero, etc., não é a cor da pele da vítima, mas as circunstâncias específicas do incidente, especialmente as ações do suspeito. Se ele não está se apresentando como qualquer tipo de ameaça, atirar nele é errado. Se ele está se apresentando como uma ameaça, atirar nele provavelmente não é errado. Isso é válido independentemente das raças dos envolvidos. BLM finge não entender essa distinção e exige que você se junte a eles em sua confusão intencional.

Fonte: Daily Wire. Disponível em:  
<https://www.dailywire.com/news/walsh-black-lives-matter-isnt-even-pretending-to-care-about-police-brutality-any-more> Acesso em: 03 mar. 2022

No quinto parágrafo, ao contrário do parágrafo anterior, há tentativas de escapar da posição de racista por meio de estratégias de negação de defesa. Em “Mas o que torna o tiroteio preocupante, ultrajante, mortífero, etc., não é a cor da pele da vítima, mas as circunstâncias específicas do incidente, especialmente as ações do suspeito”, a oração subordinada adversativa “Mas o que torna o tiroteio preocupante, ultrajante, mortífero, etc., não é a cor da pele da vítima” é empregada com o objetivo de distanciar o autor de ser acusado de racista pelo que foi promovido no quarto parágrafo. Tanto as escolhas lexicais que qualificam um fuzilamento como “preocupante”, “ultrajante” e “mortífero” quanto o isolamento, por meio da oração adversativa, da real razão de um fuzilamento, “as circunstâncias do incidente e as ações do suspeito”, contribuem para distanciar e defender o autor de acusações de racismo.

Se compararmos como a vítima de um tiroteio é qualificada entre o quarto e o quinto parágrafo, podemos perceber uma brusca mudança. No quarto parágrafo, que é profundamente racista, o objeto dos fuzilamentos e ações policiais são “homens negros”, como em “[...]o BLM costumava escolher a dedo apenas os fuzilamentos de homens negros supostamente desarmados[...]”. Agora, como o objetivo é se distanciar dessas acusações, o sujeito é identificado como “vítima” e “suspeito”, como em “Mas o que torna o tiroteio preocupante, ultrajante, mortífero, etc., não é a cor da pele da vítima” e “[...]mas as circunstâncias específicas do incidente, especialmente as ações do suspeito”.

Na sequência, por meio de orações condicionais, há uma tentativa de racionalizar quando é aceitável fuzilar alguém. O ponto central da questão, ou, melhor dizendo, a condição para que um suspeito seja fuzilado ou não depende se o suspeito está se “apresentando” ou “se colocando” como uma ameaça. Parece muito simples no discurso conservador. Se não apresentar ameaça, então atirar é de fato errado (estratégia de negação de defesa). Se apresenta uma ameaça, no entanto, então atirar não é errado.

Entretanto, o conceito de ameaça aqui apresentado é muito simplista e falho. A coesão e coerência do discurso do texto fica comprometida. Não está bem definido o que é uma ameaça e, tão importante quanto, quem está sendo ameaçado. O texto assume que a relação de poder é entre o dominante policial e o dominado suspeito. O policial que, sem alguma categorização, deve definir se esse suspeito - leia-se, homem negro - é uma ameaça ou não para ele. É a partir desse julgamento arbitrário que o policial deve tomar a decisão entre a vida ou a morte de uma pessoa.

O texto deixa de levar em conta o outro lado da situação. No caso de se sentir ameaçado por um policial, pode um “suspeito” decidir encerrar uma vida? Caso Walter tivesse, de alguma forma, assassinado com a faca dois policiais armados com armas de fogo sobre as bases de ter se sentido ameaçado, sua ação seria correta? Sabemos que a resposta não seria a mesma, pois, no discurso conservador, a ameaça não se caracteriza por estar portando ou não uma arma. A ameaça é representada pela cor da pele do indivíduo.

Se considerarmos o caminho que o texto percorreu discursivamente desde o início até a este ponto, observamos que os focos centrais estão sempre mudando. No segundo parágrafo, Walter é uma ameaça, pois estava “armado com uma faca”. No terceiro parágrafo, Walter é uma ameaça, pois a faca é, na verdade, uma “arma mortal”. No quarto parágrafo, Walter é uma ameaça, pois ele estava armado. No quinto parágrafo, Walter é uma ameaça, pois ele por si só é uma ameaça.

Ao mesmo tempo, o substantivo “ameaça” passa a remeter à ação, objeto e raça. Pessoas que possuem o poder de decidir pela vida dos outros, como policiais, se sentem ameaçados, antes de qualquer coisa, por pessoas negras. E o que o discurso reforça é, se se sentir ameaçado, atirar não é errado.

### 3.7 Sexto parágrafo e sétimo parágrafos

Vale a pena refletir sobre a incrível quantidade de racismo envolvido aqui. O BLM está tão desesperado para encontrar um motivo para protestar que irão às ruas quando suspeitos negros armados forem fuzilados enquanto atacam os policiais. Eles não tem encontrado um número suficiente de suspeitos negros desarmados mortos por policiais para satisfazer sua luxúria por destruição, o que significa que eles devem começar a usar

casos que não têm nenhuma conexão perceptível com a brutalidade policial, muito menos com o racismo. Mas eles poderiam manter um grama de credibilidade e talvez manter a aparência de que se importam com a injustiça e ainda encontrar dezenas de oportunidades para protestar todos os anos, se expandissem o escopo de sua indignação para incluir suspeitos brancos desarmados mortos por policiais. Afinal, geralmente há mais desses em um determinado ano. No entanto, eles se recusam a protestar contra a morte de pessoas brancas, não importa o quão notório seja. Eles preferem clamar contra a morte de um homem negro armado do que um homem branco desarmado, como Daniel Shaver, que foi fuzilado enquanto implorava por sua vida de joelhos.

Black Lives Matter não é sobre protestar contra a brutalidade policial, e nunca foi. Esse fato apenas se tornou mais evidente nos últimos meses. É tão claro agora que mesmo o mais alheio deve ver, a menos que não queira.

Fonte: Daily Wire. Disponível em:

<https://www.dailywire.com/news/walsh-black-lives-matter-isnt-even-pretending-to-care-about-police-brutality-any-more> Acesso em: 03 mar. 2022

Como o sétimo e último parágrafo do texto é curtíssimo, analiso-o na mesma seção que o penúltimo parágrafo.

A primeira frase do parágrafo contém a clássica estratégia de negação de carga reversa. O autor, para tentar não parecer racista, acusa o *BLM* de ser racista contra pessoas brancas. A justificativa para essa acusação vem nas frases seguintes.

Para complementar a macroestrutura de sentido estabelecida no início do texto de que o *BLM* não está preocupado com a igualdade racial ou brutalidade policial, mas sim em protestar para causar destruição, o autor recontextualiza fatos para que sirvam ao seu objetivo discursivo.

Considerando a segunda e terceira frases do sexto parágrafo, o autor afirma que o *BLM* passou a protestar contra a morte de “suspeitos negros armados” ao invés “suspeitos negros desarmados,” pois os números do último não são suficientes para “saciar seu desejo lascivo por destruição”. Estão sendo empregadas estratégias de entextualização para que o *BLM* seja compreendido como um grupo de “baderneiros sem controle”, que precisam saciar um desejo quase sexual, indexicalizado pela escolha do substantivo “luxúria”, de protestar. Não se pode desconsiderar que a escolha desse substantivo também reforça estereótipos de hipersexualização de corpos negros, que são “sexuais” até mesmo na hora de protestar.

Além disso, nenhuma referência é fornecida pelo autor para confirmar que “não há casos suficientes de mortes de pessoas negras desarmadas”. Desde 2015, o jornal *Washington Post* mantém uma base de dados<sup>31</sup> aberta (WASHINGTON POST, 2022), contabilizando todas as mortes causadas por policiais até o momento nos Estados Unidos. É possível filtrar por

<sup>31</sup> Base de dados aberta sobre mortes causadas pela polícia nos Estados Unidos:  
<https://www.washingtonpost.com/graphics/investigations/police-shootings-database/>



proporção, números absolutos, raça, se a vítima estava armada ou não, além de outros critérios.

O primeiro dado que nos chama atenção é o de que, proporcionalmente, a população negra é a que mais morre para policiais nos Estados Unidos, sendo mais que o dobro em relação a população branca. Enquanto que de 42 milhões de negros e negras, 1.592 foram mortos pela polícia, contabilizando uma taxa de 38 assassinatos a cada milhão de pessoas, entre os 197 milhões de brancos e brancas, 3.016 foram assassinados pela polícia, contabilizando uma taxa de 15 mortes a cada milhão de pessoas (WASHINGTON POST, 2022).

Se considerarmos os números absolutos, entre brancos e negros, de pessoas desarmadas que foram mortas por policiais, veremos que os números são praticamente os mesmos. De 2015 a 2022, 177 pessoas brancas desarmadas foram assassinadas pela polícia, enquanto que 140 pessoas negras desarmadas foram assassinadas pela polícia. Isso implica que, proporcionalmente, mais negros desarmados estão morrendo pela polícia do que brancos desarmados.

Portanto, as afirmações feitas pelo autor não condizem com a realidade. Elas servem para fomentar uma guerra cultural entre brancos/as e negros/as, que está sendo materializada no texto. Na terceira frase, o autor afirma que “não há mortes suficientes de negros desarmados” e considerando ambas a quinta e sexta frase do parágrafo, o autor afirma que há mais mortes de pessoas brancas desarmados por ano, e que são casos “notórios”. Ou seja, está estabelecido, por meio do discurso, que é notório e sério os casos de pessoas brancas mortas pela polícia. Pessoas negras desarmadas mortas pela polícia, porém, não foram mortas o suficiente.

Ao final do parágrafo, o autor faz referência ao caso de Daniel Shaver<sup>32</sup>, homem branco que estava desarmado quando foi injustamente assassinado pela polícia. Essa citação tem como objetivo demonstrar que pessoas brancas também são injustamente mortas, corroborando com as afirmações feitas anteriormente e que o *Black Lives Matter* também deveria se manifestar sobre as mortes de pessoas brancas.

O primeiro objetivo, conforme comprovado pela explicitação do banco de dados feita acima, não é factual. Apesar de Shaver ter de fato sido assassinado injustamente, os números comprovam que, proporcionalmente, há muitos mais casos de pessoas negras sendo mortas do que de pessoas brancas. Por outro lado, em relação ao segundo objetivo, o que acaba acontecendo é uma fragilização da branquitude. Vidas negras, que são estruturalmente mortas

---

<sup>32</sup> O caso do assassinato de Daniel Shaver: [https://en.wikipedia.org/wiki/Shooting\\_of\\_Daniel\\_Shaver](https://en.wikipedia.org/wiki/Shooting_of_Daniel_Shaver)

por brancos e brancas, devem protestar pelo direito à vida dos brancos. Essa também é uma tentativa de uso de estratégias de negação. Podemos perceber, nesse trecho, a estratégia de carga reversa e provocação atuando conjuntamente para imprimir uma carga negativa ao *Black Lives Matter*.

O sétimo e último parágrafo do texto procura reforçar o que conservadores pensam sobre movimentos sociais, no caso, o *Black Lives Matter*. Há um retorno à macroestrutura de sentido determinada pelo título do texto, procurando instaurar a ideia de que o *Black Lives Matter* não é o que prega ser. Além disso, a última frase do parágrafo e do texto revelam um aspecto fundamental do discurso e da postura conservadora como um todo.

A escolha dos adjetivos “claro” e “alheio”; do verbo modal “deve”; e o emprego da conjunção “excepto se” contribuem para a construção do sentido de que a pessoa conservador é capaz, acima de tudo, de ver além das aparências superficiais e compreender as verdadeiras intenções de grupos como o *Black Lives Matter*. Não à toa, referências à “tomar a pílula vermelha”, do filme *Matrix* são frequentes em espaços conservadores e de extrema direita. Esse aspecto é reforçado se considerarmos que o subtítulo da coleção sobre o *Black Lives Matter*, na qual o texto analisado foi publicado, é “A organização *por trás* do movimento”.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, procurou-se investigar de que maneiras o discurso conservador promove narrativas de ódio, causando danos na sociedade. Para responder às perguntas da pesquisa, realizei uma análise multimodal, me subscrevendo à conceitos da Análise Crítica do Discurso sobre um texto, publicado no principal portal conservador dos Estados Unidos da América, o *Daily Wire*.

Por meio do reconhecimento de processos de entextualização e recontextualização, podemos entender de que forma a percepção sobre um movimento social é alterada para beneficiar uma vertente política. É inerente que, ao longo desses processos, elementos que marcam o ódio começam a fazer parte dos novos contextos apresentados. Assim, vai se colocando e aceitando uma visão negativa de um movimento social.

Ao conduzir uma análise parágrafo por parágrafo de um texto, nos damos conta de que diferentes elementos que constroem um discurso de ódio que promove violência a grupos minoritários são construídos aos poucos, por meio de detalhes. Essa sutileza na forma de construir a negatividade no outro é o que acaba promovendo e popularizando discursos como o analisado neste trabalho. Por meio de diferentes categorias analíticas da Análise Crítica do Discurso, vemos como uma ideia que promove avanços no âmbito social passa a ser vista

como destruidora e prejudicial. Rapidamente, o que é prejudicial passa a ser entendido como desnecessário, que precisa ser combatido, promovendo uma escalada das violências do cotidiano.

Concluindo, esta análise não contemplou muitos elementos presentes no texto, que podem gerar outros possíveis entendimentos. Além disso, o contexto da análise pode ser expandido futuramente. É necessário questionar por que analisar as violências sociais que estão sendo promovidas em solo estrangeiro e não tentar compreender o que acontece no seu próprio espaço social. Futuras pesquisas podem também tentar traçar uma conexão entre os sentidos evocados em contextos diferentes, procurando haver um mais amplo entendimento dos efeitos do discurso conservador.

## Referências

BALIBAR, E. Racism and Nationalism. In: BALIBAR, E.; WALLERSTEIN, I. (Eds.). **Race, Nation, Class: Ambiguous Identities**, London: Verso, p.37-68, 1991.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. **Annual Review of Anthropology**, v. 19, p. 59-88, 1990.

BIEBER, F. Global Nationalism in Times of the COVID Pandemic. **Nationalities Papers**, v. 50, n. 1, p.13-25, 2022. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/nationalities-papers/article/global-nationalism-in-times-of-the-covid19-pandemic/3A7F44AFDD6AC117AE05160F95738ED4>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

BLACK Lives Matter. Disponível em: <https://blacklivesmatter.com>. Acesso em: 17 fev. 2022.

BORBA, R. 'Fora, Bolsonaro Genocida!' Covid-19 conspiracy theories, neo-nationalism, and neoliberal necropolitics in Brazil - A reply to Kalil et al 2021. **Global Discourse**, v. 00, n. 00, p.1-5, 2021. Disponível em: <[https://www.academia.edu/49073614/Fora\\_Bolsonaro\\_genocida\\_Covid\\_19\\_conspiracy\\_theories\\_neo\\_nationalism\\_and\\_neoliberal\\_necropolitics\\_in\\_Brazil\\_A\\_reply\\_to\\_Kalil\\_et\\_al\\_2021](https://www.academia.edu/49073614/Fora_Bolsonaro_genocida_Covid_19_conspiracy_theories_neo_nationalism_and_neoliberal_necropolitics_in_Brazil_A_reply_to_Kalil_et_al_2021)>. Acesso em: 16 mar. 2022.

BRIGGS, C. L. Anthropology, interviewing, and communicability in contemporary society. **Current Anthropology**, v. 48, n. 4, p.551-561, 2007.

CLARKE, J. After Neo-Liberalism? Markets, States and the Reinvention of Public Welfare. **Cultural Studies**, v. 24, n. 3, p. 375-394, 2010. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09502381003750310>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

COHN, S. K. **Epidemics**: Hate and Compassion from the Plague of Athens to AIDS. Oxford: Oxford University Press, 2018.

DAILY Wire. BLM, The Organization Behind a Movement. **Collections**. Disponível em: <https://www.dailywire.com/collections/blm-the-organization-behind-a-movement>. Acesso em: 17 fev. 2022.

ELIAS, A.; MANSOURI, F. A Systematic Review of Studies on Interculturalism and Intercultural Dialogue. **Journal of Intercultural Studies**, v. 41, n. 4, p.490-523, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/348856990\\_The\\_Intercultural\\_Dialogue\\_Index\\_IC\\_DI\\_An\\_Index\\_for\\_Assessing\\_Intercultural\\_Relations](https://www.researchgate.net/publication/348856990_The_Intercultural_Dialogue_Index_IC_DI_An_Index_for_Assessing_Intercultural_Relations)>. Acesso em: 17 fev. 2022.

ELIAS, A.; BEN, J.; MANSOURI, F.; PARADIES, Y. Racism and nationalism during and beyond the COVID-19 pandemic. **Ethnic and Racial Studies**, v. 44, n. 5, p.783-793, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01419870.2020.1851382>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

FABRÍCIO, B.; MELO, G. “Us for ourselves”: enregistering and de-escalating coronavirus under nervous conditions. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 3, p.1884-1915, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/wZpfbKP4vxznZGtP9krTbszm/?lang=en>>. Acesso em: 05 mar. 2022.

FLOWERDEW, J. Critical discourse analysis and strategies of resistance. In: BHATIA, V.; FLOWERDEW, J.; JONES, R. (Eds.). **Advances in Discourse Studies**. London: Routledge, p.195-210, 2008.

GOULD, E; WILSON, V. Black workers face two of the most lethal preexisting conditions for coronavirus—racism and economic inequality. **Economic Policy Institute**, Washington, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://www.epi.org/publication/black-workers-covid/>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

GUMPERZ, J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HALLIDAY, M. Notes on Transitivity and Theme in English, Parts 1–3. **Journal of Linguistics**, v. 4, n. 2, p.179-215, 1968.

JONES, R. **Discourse Analysis**: A Resource Book for Students. Reino Unido: Routledge, 2020.

KELLY, C. R. Donald J. Trump and the Rhetoric of White Ambivalence. **Rhetoric and Public Affairs**, v. 23, n. 2, p.195-223, 2020. Disponível em: <https://scholarlypublishingcollective.org/msup/rpa/article/23/2/195/175117/Donald-J-Trump-and-the-Rhetoric-of-White>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

MCCOY, H. Black Lives Matter, and Yes, You Are Racist: The Parallelism of the Twentieth and Twenty-First Centuries. **Child and Adolescent Social Work Journal**, v. 37, p.463-475,

2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32836724/>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-107.

MOSSE, G. L. Racism and Nationalism. **Nations and Nationalism**, v. 1, n. 2, p. 163-173, 1995.

PAUL, E. 2020. Racism as Nationalism and Capitalism. In: PAUL, E. (Ed.). **Australia in the Expanding Global Crisis**, Singapore: Palgrave Macmillan, p.27-81, 2020.

RANTANEN, T. 2012. In Nationalism we Trust?. In: CASTELLS, M.; CARAÇA, J.; CARDOSO, G. (Eds.). **Aftermath: The Cultures of the Economic Crisis**, Oxford: Oxford University Press, p. 132–153, 2012.

SAUNTON, H. Conflicting discourses of ‘democracy’ and ‘equality’: a discourse analysis of the language of pro- and anti-lgbtq+ inclusion in the relationships and sex education guidance for schools in England. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, n. 3, p. 1995-2016, Sept. 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132020000301995&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132020000301995&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 mar. 2022.

SILVA, D. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 67-84, jan./abr. 2014. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/269597221\\_O\\_texto\\_entre\\_a\\_entextualizacao\\_e\\_a\\_etnografia\\_um\\_programa\\_jornalistico\\_sobre\\_belezas\\_subalternas\\_e\\_suas\\_multiplas\\_recontextualizacoes](https://www.researchgate.net/publication/269597221_O_texto_entre_a_entextualizacao_e_a_etnografia_um_programa_jornalistico_sobre_belezas_subalternas_e_suas_multiplas_recontextualizacoes)>. Acesso em: 05 mar. 2022.

SU, R.; SHEN, W. Is Nationalism Rising in Times of the COVID-19 Pandemic? Individual-Level Evidence from the United States, **Journal of Chinese Political Science**, v. 26, p.169-187, 2021. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11366-020-09696-2>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

TRAUNER, J. B. The Chinese as Medical Scapegoats in San Francisco, 1870-1905. **California History**, California, v. 57, n.1, p.70-87, 1978.

VAN DIJK, T. Discourse and the denial of racism. **Discourse and Society**, v. 3, n. 1, p.87-118, 1992.

VAN DIJK, T. Multidisciplinary CDA: A plea for diversity. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. London: Sage, p.95-120, 2001.

WALSH, M. WALSH: Black Lives Matter Isn’t Even Pretending To Care About ‘Police Brutality’ Anymore. **Daily Wire**, Out. 2020. Disponível em: <<https://www.dailywire.com/news/walsh-black-lives-matter-isnt-even-pretending-to-care-about-police-brutality-anymore>>. Acesso em: 06 mar. 2022.

WASHINGTON POST. Fatal Force. Desenvolvido pelo Washington Post, 2015-2022. Apresenta dados sobre o número de pessoas assassinadas pela polícia dos Estados Unidos da América. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/graphics/investigations/police-shootings-database/>. Acesso em: 06 mar. 2022.




WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.) **Methods of Critical Discourse Analysis**, London: Sage, 2001.

WODAK, R. **The Politics of Fear: What Right-Wing Populist Discourses Mean**. London: Sage, 2015.

## ANEXO 1

— OPINION —

## WALSH: Black Lives Matter Isn't Even Pretending To Care About 'Police Brutality' Anymore

By Matt Walsh • Oct 27, 2020 DailyWire.com •   

Noah Riffe/Anadolu Agency via Getty Images

There were, as the media calls it, “clashes” between “protesters” and police in Philadelphia last night. What this really means of course is that rioters and looters wreaked wanton destruction across the city and assaulted police officers at will. By the end of the night, at least 30 cops had been hurt and one officer was in the hospital with serious injuries. A female sergeant, 56-years-old, was hit and suffered a broken leg when a truck plowed into a group of officers. Elsewhere, rioters set cop cars on fire, ransacked stores, and looted police vehicles.

The ostensible reason for this latest bit of barbarity is the shooting of Walter Wallace Jr. As a video recorded by a bystander shows, Wallace was armed with a knife and approached officers after refusing to comply with their orders. This would seem to be about as lawful as police shootings get. In order to navigate around the facts that might vindicate the officers, leftists are playing their usual game of turning the focus away from the inconvenient facts and towards personal details that are not relevant to the shooting. Philadelphia Inquirer reporter Ellie Rushing, for example, tells us that Wallace was “a twin, father, and son” and that his mother “begged [police] not to shoot.” These biographical notes might make the shooting sadder, but they do not make it any less justified.



Activists are also telling us that Wallace was shot “in front of his mother” and that he allegedly had a mental illness. Again, none of this has any bearing on the shooting itself. Whatever his family situation, whatever his psychological condition, all that mattered in the moments leading up to the shooting was that he was allegedly armed with a deadly weapon and charging at two police officers as they implored him to drop his weapon and surrender. I doubt that any police critic, if they were ever approached by a man armed with a knife, would stop to ask the assailant if he has children, or inquire about his most recent psych evaluation. All of the facts about Wallace’s life and family make it a great tragedy that he threw his life away, but they do not change the fact that the cops had the right and duty to protect themselves and the community.

But notice what has happened. Black Lives Matter and its allies have, in the last few months, almost entirely stopped talking about “unarmed black men” shot by cops. Until very recently, BLM would usually cherry pick only the shootings of allegedly unarmed black men to protest, which of course often meant ignoring the fact that unarmed people can still pose a lethal threat (as the Michael Brown case demonstrated). Now, suddenly, the question of whether the suspect was armed is treated as irrelevant. Even if the suspect was brandishing a weapon and apparently intent on using it, his death is still characterized as a moral outrage. The “unarmed” qualifier used to be the entire stated reason for the protest. “They shot an unarmed black man!” was the cry. Now it’s just “They shot a black man!”

But what makes the shooting troubling, outrageous, murderous, etc., is not the color of the victim’s skin but the specific circumstances of the incident, especially the actions of the suspect. If he is not presenting himself as any sort of threat, then to shoot him is wrong. If he is presenting himself as a threat, then shooting him is probably not wrong. This holds true regardless of the races of those involved. BLM pretends not to understand this distinction, and demands that you join them in their willful confusion.

It’s worth reflecting on the incredible amount of racism involved here. BLM is so desperate to find a reason to riot that they will take to the streets when armed black suspects are shot while charging at officers. They have not found enough unarmed black suspects killed by cops to satisfy their lust for destruction, which means they must start using cases that have no discernible connection to police brutality, much less racism. But they could retain an ounce of credibility, and perhaps keep up the appearance of caring about injustice, and still find dozens of opportunities to riot every year, if they expanded the scope of their outrage to include unarmed white suspects killed by cops. There are usually more of those in a given year, after all. Yet they flat out refuse to protest the killing of white people, no matter how egregious. They would rather cry out against the killing of an armed black man than an unarmed white man, like Daniel Shaver, who was shot while on his knees begging for his life.

Black Lives Matter is not in the business of protesting police brutality, and never was. That fact has just become more apparent in recent months. It is so clear now that even the most oblivious must see it, unless they don’t want to.

Fonte: Daily Wire. Disponível em: <https://www.dailywire.com/news/walsh-black-lives-matter-isnt-even-pretending-to-care-about-police-brutality-anymore> Acesso em: 03 mar. 2022



## ANEXO 2

— OPINION —

## WALSH: Black Lives Matter Isn't Even Pretending To Care About 'Police Brutality' Anymore

By Matt Walsh • Oct 27, 2020 DailyWire.com



Noah Riffe/Anadolu Agency via Getty Images

Houve, como a mídia chama, “confrontos” entre “manifestantes” e a polícia na Filadélfia na noite passada. O que isso realmente significa, é claro, é que desordeiros e saqueadores espalharam destruição gratuita por toda a cidade e agrediram policiais à vontade. No final da noite, pelo menos 30 policiais foram feridos e um policial estava no hospital com ferimentos graves. Uma sargenta de 56 anos foi atingida e fraturou a perna quando um caminhão bateu em um grupo de policiais. Em outros lugares, os manifestantes incendiaram carros de polícia, saquearam lojas e veículos policiais.

A razão aparente deste último exemplo de barbaridade é o fuzilamento de Walter Wallace Jr. Como mostra um vídeo gravado por um espectador, Wallace estava armado com uma faca e avançou contra os policiais após se recusar a cumprir suas ordens. Isso parece ser tão legal quanto os tiroteios da polícia podem ser. Para navegar em torno dos fatos que podem dar razão aos policiais, esquerdistas estão fazendo seu jogo usual de desviar o foco dos fatos inconvenientes para detalhes pessoais que não são relevantes para o fuzilamento. A repórter Ellie Rushing do Philadelphia Inquirer, por exemplo, nos diz que Wallace era "um gêmeo, pai e filho" e que sua mãe "implorou [à polícia] para não atirar". Essas notas biográficas podem tornar o tiroteio mais triste, mas não o tornam menos justificado.

Os ativistas também estão nos contando que Wallace foi baleado “na frente de sua mãe” e que ele supostamente tinha uma doença mental. Novamente, nada disso tem qualquer relação com o tiroteio em si. Qualquer que fosse a situação de sua família, qualquer que fosse sua condição psicológica, tudo o que importava nos momentos que antecederam o tiroteio era que ele estava supostamente armado com uma arma mortal e atacou dois policiais que imploraram para que ele largasse a arma e se rendesse. Duvido que qualquer crítico da polícia, se algum dia fosse abordado por um homem armado com uma faca, parasse para perguntar ao agressor se ele tem filhos, ou indagasse sobre sua avaliação psíquica mais recente. Todos os fatos sobre a vida e a família de Wallace tornam uma grande tragédia que ele tenha jogado sua vida fora, mas eles não mudam o fato de que os policiais tinham o direito e o dever de proteger a si mesmos e à comunidade.

Mas observe o que tem acontecido. O Black Lives Matter e seus aliados pararam, nos últimos meses, quase que totalmente de falar sobre “homens negros desarmados” fuzilados por policiais. Até muito recentemente, o BLM costumava escolher a dedo apenas os fuzilamentos de homens negros supostamente desarmados para protestar, o que, é claro, muitas vezes significava ignorar o fato de que pessoas desarmadas ainda podem representar uma ameaça letal (como o caso Michael Brown demonstrou). Agora, de repente, a questão de saber se o suspeito estava armado é tratada como irrelevante. Mesmo que o suspeito estivesse brandindo uma arma e aparentemente tivesse a intenção de usá-la, sua morte ainda é caracterizada como um ultraje moral. O qualificador “desarmado” costumava ser a razão declarada para o protesto. “Eles atiraram em um homem negro desarmado!” era o grito. Agora é apenas “Eles atiraram em um homem negro!”

Mas o que torna o tiroteio preocupante, ultrajante, mortífero, etc., não é a cor da pele da vítima, mas as circunstâncias específicas do incidente, especialmente as ações do suspeito. Se ele não está se apresentando como qualquer tipo de ameaça, atirar nele é errado. Se ele está se apresentando como uma ameaça, atirar nele provavelmente não é errado. Isso é válido independentemente das raças dos envolvidos. BLM finge não entender essa distinção e exige que você se junte a eles em sua confusão intencional.

Vale a pena refletir sobre a incrível quantidade de racismo envolvido aqui. O BLM está tão desesperado para encontrar um motivo para protestar que irão às ruas quando suspeitos negros armados forem fuzilados enquanto atacam os policiais. Eles não tem encontrado um número suficiente de suspeitos negros desarmados mortos por policiais para satisfazer sua luxúria por destruição, o que significa que eles devem começar a usar casos que não têm nenhuma conexão perceptível com a brutalidade policial, muito menos com o racismo. Mas eles poderiam manter um grama de credibilidade e talvez manter a aparência de que se importam com a injustiça e ainda encontrar dezenas de oportunidades para protestar todos os anos, se expandissem o escopo de sua indignação para incluir suspeitos brancos desarmados mortos por policiais. Afinal, geralmente há mais desses em um determinado ano. No entanto, eles se recusam a protestar contra a morte de pessoas brancas, não importa o quão notório seja. Eles preferem clamar contra a morte de um homem negro armado do que um homem branco desarmado, como Daniel Shaver, que foi fuzilado enquanto implorava por sua vida de joelhos.

Black Lives Matter não é sobre protestar contra a brutalidade policial, e nunca foi. Esse fato apenas se tornou mais evidente nos últimos meses. É tão claro agora que mesmo o mais

alheio deve ver, a menos que não queira.

Tradução minha do original, disponível em:  
<https://www.dailywire.com/news/walsh-black-lives-matter-isnt-even-pretending-to-care-about-police-brutality-any-more> Acesso em: 03 mar. 2022